

DIÁLOGO DE CULTURAS: CONSTRUIR A CASA COMUM

Eduardo Jorge Duque
Professor da Universidade Católica Portuguesa

Braga vai receber no mês de novembro o Átrio dos Gentios. É um momento extraordinário para convocar a sociedade a ser mais e melhor, a procurar o (seu) caminho rumo aos grandes valores transcendentais.

O ponto alto do encontro visa ser o diálogo, porque todo o ser humano é relacional e a sociedade moderna traz em si inscrita, mais do que nunca, o diálogo das civilizações. É hoje fácil, e até demasiado comum, encontrar nas nossas praças gentes vindas de outras culturas, países, civilizações, à procura de novas oportunidades, de um sentido, de ver e sentir coisas diferentes, porque o mundo tornou-se, simultaneamente, mais próximo e mais colorido, matizado agora com cores do respeito pela diferença. Amin Maalouf (2009: 245) advertia, em *Um Mundo sem Regras*, que chegou o tempo de «construir pouco-a-pouco uma civilização comum, baseada nos dois princípios intangíveis e inseparáveis que são a universalidade dos valores essenciais e a diversidade das expressões culturais».

Ora, no seu sentido mais alargado, o Átrio seria o pôr em comum, seria abrir as portas e as persianas da nossa casa para acolher o outro e não ficar fatalmente anémico. Esta base de diálogo não é alheia aos

homens da cultura, já que, crentes ou não, eles encontram interesse em dialogar sobre o homem, o trabalho, a sociedade e as grandes questões existenciais.

O único pressuposto é a procura da verdade, a verdade sem demagogia, na particularidade, ou no pormenor, aquela que remete o homem para as questões do sentido. E essa procura incessante percorre todos os tempos, escolas e teorias: Sócrates procura a verdade por um processo inteiramente lógico; já para Nietzsche as metáforas do conhecimento lógico-científico são uma casca vazia. A verdade atinge-se pela via da arte, a única forma de aceder à representação, em sonho, do real e da vida. Platão, por sua vez, afirma um processo de conhecimento que consiste numa ascense do sensível à ideia. Mas a procura da verdade não se esgotou nos antigos. Esta procura incessante é bem conhecida em Santo Agostinho, Pascal, Gabriel Marcel, Jacques Maritain, Maurice Blondel e muitos outros que procuraram e procuram fazer surgir as águas escondidas pela superficialidade da cultura dominante.

Quem se dispõe a perder tempo nesta procura, na leitura dos sinais, na esperança de encontrar algo diferente, na contemplação do belo e na análise aberta dos sentimentos autênticos do coração humano dá-se conta da certeza, frequentemente escurecida pela visão deformada da sociedade, de que a vida é uma maravilha que deve provocar desassossego, o espanto que está na origem do pensar para além do fazer. «É preciso amar o homem por ele mesmo e unicamente por ele mesmo» é a famosa declaração, de 1980, da Unesco. E não há cultura senão a do homem. Isto é verdade no domínio da pintura, da literatura, da música, da arte, mas também do direito e em todos os outros domínios. A partir deste terreno, o dos direitos fundamentais do

homem, torna-se mais fácil reencontrar essa grande visão do homem capaz de animar toda a vida. E, assim, a própria natureza torna-se um livro aberto, capaz de nos questionar, de provocar a nossa dimensão mais profunda porque nos salta à vista.

Sabemos que, na sociedade moderna, esta tarefa não é fácil. Há muitos factos que contribuem para a tentação permanente da cegueira. Vejamos as deformações específicas da elaboração da informação; o princípio tirânico de que a inovação é o mais importante da sociedade e o poder do material ou do económico que muitas vezes oprime a liberdade do homem. Estes e muitos outros factos não tocam o mistério do homem, não o leva a fazer perguntas, bem pelo contrário encerram-no em meias verdades, como que o homem não tivesse outras questões!

Mas a aparência da sociedade é pior do que a sua realidade. Uma fonte de esperança e uma luz cintilante que bem caracteriza este tempo é o amor crescente à arte. A sociedade precisa de artistas para que, através deles, se alcancem os verdadeiros indemonstráveis que são o real, para que transpareça o mistério do homem, fonte inesgotável, ao longo de todos os tempos, de inspiração.

Esta ponte que os artistas e a gente da cultura atravessam é a prova de que todo o ser humano tem uma dimensão que não é concetualizada, categorizada ou analisada, mas que se manifesta na poesia, na pintura, na mística e na arte. E a gente da cultura sabe bem que ou procura uma fonte de inspiração, acima da matéria viva visível, ou perecerá. É uma questão interior, um impulso que vem do íntimo e que faz nascer a obra-prima, o que leva Gilles Delleuze a dizer que nenhum pintor «[...] pinta numa tela virgem, nem o escritor escreve numa página branca, mas a página ou a tela estão desde logo de tal

modo cobertas por “clichés” preexistentes, preestabelecidos, que é necessário antes de mais apagar, limpar, laminar, ou até rasgar para fazer passar uma corrente de ar vinda do caos, que nos traz a visão».

O Átrio dos Gentios propõe-se ser essa corrente de ar que pretende mexer com as consciências, fazer germinar uma nova imagem da sociedade, do homem e da vida, com repercussão no domínio da arte e da cultura, resultando, se possível, um novo equilíbrio de princípios e verdades, especialmente na compreensão do próprio Ser, já que, como diria Tomás Merton, «ninguém é uma ilha».

A dar corpo ao Átrio Português, promovido pelo Conselho Pontifício da Cultura, organismo da Santa Sé, e pela diocese de Braga, estará um conjunto de pessoas de renome, nacionais e internacionais, escritores cujos livros nos inspiram, intelectuais cuja intervenção cívica a todos ilumina.

Se as bases do Átrio estão lançadas, e se o conceito é, por natureza, um espaço aberto, genética e culturalmente plural, o diálogo será ecuménico (da Igreja com os cristãos que não são católicos), inter-religioso (com os crentes que não são cristãos) e oceânico (com os descrentes).

Está aberto o caminho. Não temos outra pretensão senão a de propor! E voltamos de novo à pintura, às perguntas que Gaugin colocou por baixo do seu belo quadro dos Vahinés: «Quem somos nós? De onde vimos? Para onde vamos?», são questões que nos falam da Vida, do Valor da Vida que queremos refletir. Fazemos votos para que os ventos de mudança façam estostrar um “golpe de dom”, de forma a que a gente da cultura se lance nos valores do homem, do espírito num verdadeiro diálogo de culturas.